

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

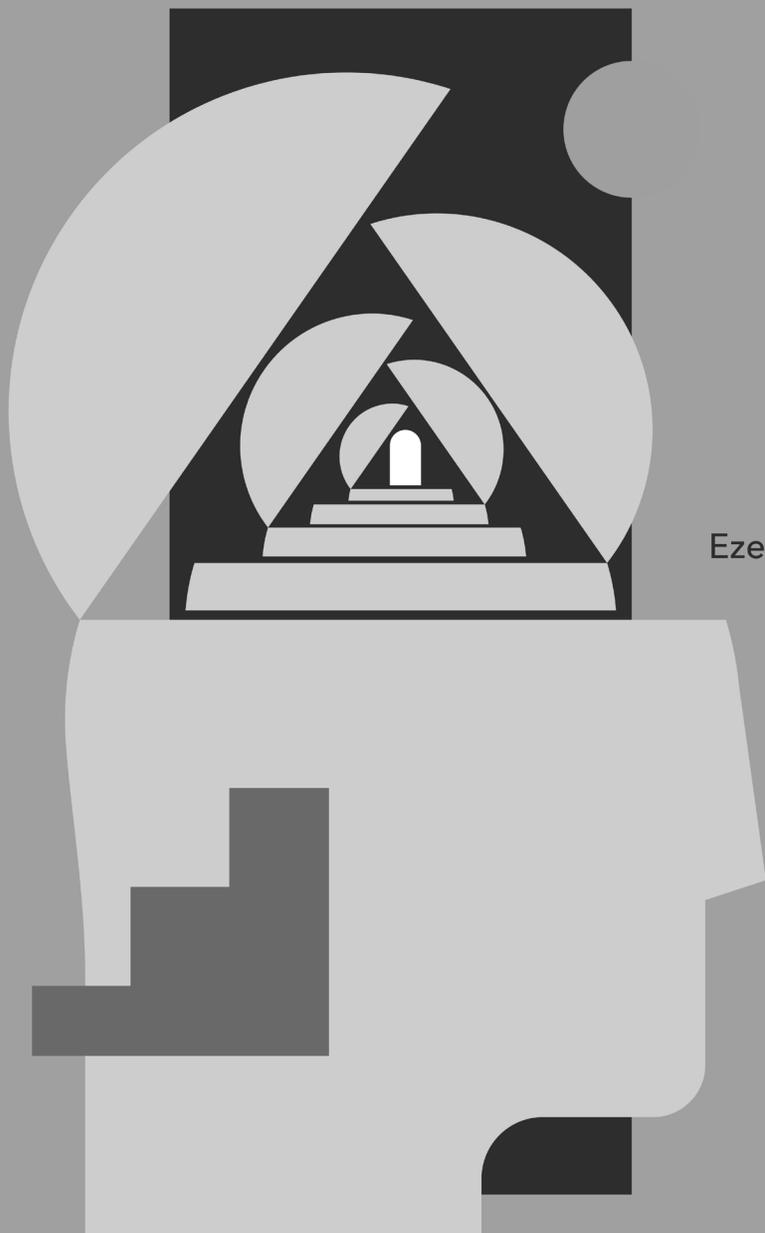


Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Psicologia: identidade profissional e compromisso social

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: identidade profissional e compromisso social /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-939-4

DOI 10.22533/at.ed.394213003

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A psicologia enquanto ciência retoma muitas iniciativas tanto da filosofia quanto da fisiologia, que desde a antiguidade tenta se ocupar, com reservas, das tramas, conflitos, funcionamento e atitudes internas e “mentais” do homem. Nessa veia, os laboratórios germânicos surgem para descrever e tabular esses comportamentos internos do homem e tornar explícitos os mecanismos que levam ao funcionamento mais íntimo da vida humana.

No entanto, a psicologia enquanto profissão gasta ainda um tempo para se lançar tímida ao mundo. Apesar dos laboratórios, dos testes franceses iniciados por Janet e outros, é possível marcar o início da profissão do psicólogo na virada do século XIX, nos Estados Unidos.

Lightner Witmer, funda em 1896, na Universidade da Pensilvânia, o que podemos sem muita dificuldade nomear como a “primeira clínica psicológica”. É notável que o período histórico se equivale ao mesmo que em Viena, o austríaco Sigmund Freud inicia seus procedimentos que levam mais tarde o trato de Psicanálise. Mas a distância entre fundação e construção se marca de modo a poder creditar a Witmer esse pilar.

Mas vale lembrar que a profissão em torno da Psicologia, não se limitou apenas aos atos clínicos. Da criação de testes, ao estudo laboratorial do comportamento humano, uma infinidade de novas práticas se somaram para compor o cenário único do universo psicológico.

Tendo, pois, esse universo multívoco em torno da Psicologia, a *Coleção Psicologia: Identidade Profissional e Compromisso Social*, se estabelece na tentativa de elucidar sobre essas várias apreensões possíveis pelos profissionais da Psicologia. Contamos nesse primeiro volume com 20 artigos de autores de diversas partes do mundo, que relatam prioritariamente os trabalhos da Psicologia em suas fronteiras com a educação, o mundo organizacional e com a sociedade.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO PELA PERCEPÇÃO DO TRABALHADOR DURANTE A PANDEMIA

Maria Helena Maia e Souza
Priscila Samara da Silva
Karla Maria Pereira dos Santos
Islanny Grazielly Azevedo Coutinho
Denise Ferreira Brito
Georgia Ferreira Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.3942130031

CAPÍTULO 2..... 10

PSICOLOGIA E PROCESSOS DE GESTÃO: UM ESTUDO DE CASO EM SUPERMERCADO DO SUL DO ESTADO DE GOIÁS

Renata Martins do Carmo
Patrícia Francisca dos Santos Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.3942130032

CAPÍTULO 3..... 21

UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO DOS AUXILIARES ADMINISTRATIVOS

Estéfani Barbosa de Oliveira Medeiros
Cláudia Reis Flores
Loren Aita Riss

DOI 10.22533/at.ed.3942130033

CAPÍTULO 4..... 35

PROMOÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS PARA APRENDER

Luciana Toaldo Gentilini Avila
Lourdes Maria Bragagnolo Frison (*in memoriam*)

DOI 10.22533/at.ed.3942130034

CAPÍTULO 5..... 46

IMPORTÂNCIA DOS COMPORTAMENTOS DE CIDADANIA ORGANIZACIONAL NA PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTOS DE RISCO - LEI DE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PORTUGUESAS

Paula Costa Neves
Rui Paixão

DOI 10.22533/at.ed.3942130035

CAPÍTULO 6..... 50

VOU PARA A ESCOLA, E AGORA? DO PRÉ-ESCOLAR PARA O 1º CEB: CRENÇAS INFANTIS

Elisabete Batoco Constante de Brito

Filomena de São José Bolota Velho

DOI 10.22533/at.ed.3942130036

CAPÍTULO 7..... 68

EXPECTATIVAS Y ESTILOS DE CRIANZA DE LOS PADRES Y MADRES DE ESTUDIANTES CON HABILIDADES DIFERENTES- HUÁNUCO,PERÚ

Lilia Lucy Campos Cornejo

Ana María Victorio Valderrama

Miguel Angel Jaimes Campos

DOI 10.22533/at.ed.3942130037

CAPÍTULO 8..... 80

EXPERIÊNCIAS DE VÍTIMAS DE *BULLYING* ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA FUNDAMENTADA

Wanderlei Abadio de Oliveira

Rosimár Alves Querino

Claudio Romualdo

Vinícius Alexandre

Yurín Garcêz de Souza Santos

Simona Carla Silvia Caravita

Marta Angélica Iossi Silva

Manoel Antônio dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.3942130038

CAPÍTULO 9..... 91

A INFLUÊNCIA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR NA AUTOIMAGEM DO ALUNO

Amanda Souza Vieira

Érica Queiroz de Moura

Gabrieli Camargos Cunha Santana

DOI 10.22533/at.ed.3942130039

CAPÍTULO 10..... 100

A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR ATRAVÉS DA PRÁTICA DE ACOMPANHAMENTO TERAPEÚTICO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Keilany Botelho Araujo

Maria Guedes do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.39421300310

CAPÍTULO 11..... 111

ABORDAGEM DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES EM UM CENTRO DE ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL PELO GRUPO TERAPÊUTICO ALIMENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ianna Andrade Oliveira

Janielly Vilela dos Santos Gonçalves

Vanessa Santos Araújo

Thays da Silva Nogueira

Bruna da Costa Viana

Fernanda Andrade Martins

Dandara Barahuna Guimarães Bezerra
Suellem Maria Bezerra de Moura Rocha

DOI 10.22533/at.ed.39421300311

CAPÍTULO 12..... 118

A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE MENTAL: NO CAPS-AD III DE ARAGUAINA-TO

Sueli Marques Ferraz

Júlia Carolina da Costa Santos

DOI 10.22533/at.ed.39421300312

CAPÍTULO 13..... 127

SUBJETIVIDADES E INFRAÇÃO: SOB ELOS E NUANCES DAS REDES

Cristiane Dameda

Lucas Guerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.39421300313

CAPÍTULO 14..... 137

JOVENS EM EXPERIÊNCIAS EXTREMAS DE ABANDONO: TRAUMA E VULNERABILIDADE

Glaucia Regina Vianna

Francisco Ramos de Farias

DOI 10.22533/at.ed.39421300314

CAPÍTULO 15..... 149

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS A RESIDENTES DE AGLOMERADOS SUBNORMAIS: EXPERIENCIA DE UMA COMUNIDADE

Janecléia Ross Araújo

Marcela Araújo Gonçalves Rodrigues

Leonardo Augusto Couto Finelli

DOI 10.22533/at.ed.39421300315

CAPÍTULO 16..... 163

EXPRESSÕES SUICIDAS NO FACEBOOK: UMA DISCUSSÃO DA SUICIDOLOGIA SOBRE A INTENÇÃO DE MORRER

Ricardo Carvalho Quesada

DOI 10.22533/at.ed.39421300316

CAPÍTULO 17..... 177

ALÉM DO CORPO ESCALPELADO: O COMPROMISSO DA PSICOLOGIA DIANTE DA REGIÃO AMAZÔNICA

Joyce Gadelho Moraes

Lorena dos Santos Pereira

Valber Luiz Farias Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.39421300317

CAPÍTULO 18..... 189

ABORDAGEM *MINDFUL EATING* EM UM CENTRO DE ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL

PELO GRUPO TERAPÊUTICO ALIMENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ianna Andrade Oliveira
Janielly Vilela dos Santos Gonçalves
Thays da Silva Nogueira
Luiza Maciel Gerônimo
Dandara Barahuna Guimarães Bezerra
Bruna da Costa Viana
Fernanda Andrade Martins
Suellem Maria Bezerra de Moura

DOI 10.22533/at.ed.39421300318

CAPÍTULO 19..... 195

A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA PARA A FAMÍLIA E A ESCOLA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL INFANTO-JUVENIL

Gabriela de Souza Paula
Mariana Fernandes Ramos dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.39421300319

CAPÍTULO 20..... 205

LIDERANÇA E A CRIAÇÃO DE VALOR: SOMOS TALENTOSOS OU PERSISTENTES?

Rafaela Baldi Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.39421300320

SOBRE O ORGANIZADOR..... 210

ÍNDICE REMISSIVO..... 211

CAPÍTULO 15

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS A RESIDENTES DE AGLOMERADOS SUBNORMAIS: EXPERIENCIA DE UMA COMUNIDADE

Data de aceite: 29/03/2021

Data de submissão: 05/01/2021

Janecléia Ross Araújo

Faculdades Integradas do Norte de Minas
FUNORTE
Montes Claros – MG
<http://lattes.cnpq.br/3465030982614968>

Marcela Araújo Gonçalves Rodrigues

Faculdades Integradas do Norte de Minas
FUNORTE
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/9192113019101019>

Leonardo Augusto Couto Finelli

Universidade Estadual de Montes Claros
Unimontes
Montes Claros, MG
<http://lattes.cnpq.br/6799586549817808>

Pesquisa inicialmente apresentada e publicada no formato de resumo expandido nos Anais XIII Fórum de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros – FEPEG: A Universidade na Contemporaneidade – Diálogos e Construções. Montes Claros: UNIMONTES, 2019. Os dados foram complementados e atualizados de modo a compor o presente texto.

RESUMO: Aglomerados subnormais são popularmente chamados de favelas e abrigam, no Brasil, cerca de 11,4 milhões de pessoas que vivem à margem da sociedade. Na maioria das vezes, são estigmatizados quanto a identidade

social deteriorada atribuída ao seu local de residência e, por vezes, seus moradores são convertidos em pessoas más e perigosas por membros da sociedade que vivem uma realidade diferente da sua. As favelas são classificadas como ameaçadoras para a sociedade, como localidades causadoras de desordem e conflitos, mas é necessário entender que seu contexto é mais complexo que essa identidade social negativa. Seu reconhecimento abrange fatores como: precariedade dos serviços públicos; a fragilidade de vínculos de pertencimento e sociabilidade; pobreza econômica; desigualdade de informações, de possibilidades e oportunidades. Nesse sentido, este trabalho analisou os impactos psicossociais que afetam residentes de aglomerados subnormais. Para tal apresentou caráter de pesquisa exploratória, de corte transversal, análise quantitativa e delineamento de pesquisa de campo. Para a coleta de dados utilizou-se questionário estruturado aplicado a 200 moradores do bairro “Conferência Cidade Cristo Rei”, no município de Montes Claros-MG. Os resultados indicaram equivalência por sexo, com idades entre 18 e 78 anos ($M=31,7$ anos; $DP=13,5$ anos). Os respondentes são, em sua maioria, solteiros (54,5%), católicos (58,5%), e, pardos (40,5%) ou pretos (40,5%). A maioria (56,0%) tem um ou mais filhos (chegando a ter até nove filhos), e apenas 26,0% tem profissão (sem formação específica). Os dados apontam ainda que 33,0% revelaram sentir-se socialmente marginalizados; 16,0% evidenciaram desagrado na interação com seus vizinhos; e 4,0% reconhecem a localidade como área de risco. Tais dados evidenciaram que os

moradores desse aglomerado são saturados de estigmas de marginalização e preconceito, provocando assim impactos psicossociais que lesam seu bem-estar biopsicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: Aglomerados subnormais. Estigma social. Favela. Impactos psicossociais. Preconceito.

PSYCHOSOCIAL IMPACTS ON RESIDENTS OF SUBNORMAL AGGLOMERATES: EXPERIENCE OF A COMMUNITY

ABSTRACT: Subnormal agglomerates are popularly referred to as slums and are home, in Brazil, approximately 11.4 million people living on the margins of society. Most of the time, they are stigmatized as to the deteriorated social identity attributed to their place of residence and, sometimes, their residents are converted into bad and dangerous people by members of society who live a different reality from their own. Slums are classified as threatening to society, as places that cause disorder and conflict, but it is necessary to understand that their context is more complex than this negative social identity. Its recognition includes factors such as: precarious public services; the fragility of bonds of belonging and sociability; economic poverty; inequality of information, possibilities and opportunities. So, this work analyzed the psychosocial impacts that affect residents of subnormal agglomerates. To reach this aim, it assumed the research design exploratory, cross-sectional, quantitative analysis and field research design. For data collection, a structured questionnaire was applied to 200 residents of the “Cidade Cristo Rei Conference” neighborhood, in the city of Montes Claros-MG. The results indicated equivalence by sex, with ages varying between 18 and 78 years (M = 31.7 years; SD = 13.5 years). Most respondents are single (54.5%), Catholic (58.5%), and brown (40.5%) or black (40.5%). The majority (56.0%) have one or more children (up to nine children), and only 26.0% have a profession (without specific training). The data also shows that 33.0% revealed that they feel socially marginalized; 16.0% showed dislike in the interaction with their neighbors; and 4.0% recognize the community as a risk area. Such data showed that the inhabitants of this agglomerate are saturated with stigmas of marginalization and prejudice, thus causing psychosocial impacts that damage their biopsychosocial well-being.

KEYWORDS: Prejudice. Psychosocial impacts. Slum. Social stigma. Subnormal agglomerates.

INTRODUÇÃO

No contexto social brasileiro uma das principais questões de vulnerabilidade socioambiental está relacionada a residir em aglomerados subnormais, popularmente chamadas de favelas. A nomeação de aglomerados subnormais é utilizada como substituta do conceito de favela, mas esse tipo de região também é compreendido como invasões, baixadas, comunidades, vilas, guetos, entre outros nomes pejorativos. Encontrar uma definição do que é a favela é bastante complexo, por se tratar de critérios estatísticos que perpassam a complexidade do sistema de organização do cenário brasileiro (FINELLI; SANTOS; PEREIRA, 2016).

O processo histórico da constituição das favelas, no Brasil, iniciou no século XIX, quando as primeiras organizações ocorreram na cidade do Rio de Janeiro. Os cortiços foram

as primeiras instalações de desorganização social que continham moradias com pouca ventilação, precariedade na higiene, loteamentos irregulares ou clandestinos, dentre outras características limitantes. Esses locais eram conhecidos como pontos de promiscuidade e/ou vadiagem, assim como, apresentavam altos níveis de epidemias. Nesse sentido, seus integrantes eram reconhecidos como uma classe perigosa (BRULON; PECCI, 2018).

O incremento no número e dimensões das favelas brasileiras é fruto do processo de industrialização do século XX, em resposta ao êxodo rural (saída do campo para a cidade). As construções de moradias em terrenos de invasões, irregulares e/ou precárias foi uma alternativa encontrada pelos trabalhadores camponeses após serem cambiados pelo progresso promovido pelas máquinas. Esse tipo de migração modificou o cenário das metrópoles, o que acarretou desorganização respectiva ao crescimento caótico das cidades. Isso, por sua vez, adquiriu grandes proporções que se refletiram nas estatísticas de aumento da miséria, do desemprego, da violência, e, dos contrastes sociais (DAVIS, 2015; RODRIGUES, 2014).

Considerando o critério formal estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, os aglomerados subnormais configuram-se de agrupamentos de no mínimo 51 unidades habitacionais, dispostas de forma desorganizadas e compactas. Os mesmos têm como características principais a falta de rede de esgoto, coleta de lixo, e/ou, rede de água; e secundárias, como carência de iluminação pública, ausência de título de propriedade, construções em assentamentos irregulares, carência de serviços públicos, e/ou ausência de código postal (IBGE, 2018). Em outra definição, as favelas caracterizam-se pelo excesso de população, habitações pobres ou informais construídas de papelões, madeiras e resto de lixo, com formas e tamanhos irregulares, classificando-as como áreas de riscos e restritas de acessos (DAVIS, 2015).

Tais localidades, muitas vezes, apresentam assentamentos insalubres, normalmente ocupadas em áreas de riscos, o que compromete o bem-estar biopsicossocial do indivíduo. Os residentes dessa categoria de aglomeração apontam graus elevados de carências socioeconômicas relacionadas à desigualdade de informações, de possibilidades e oportunidades, tais como, na infraestrutura urbana, no que tange ao serviço de renda pessoal e moradias (PEREIRA; GUARESCHI, 2017).

Esse tipo de aglomeração urbana abriga, no Brasil, cerca de 11,4 milhões de pessoas, segundo os dados do Censo 2010 do IBGE (2018). Tal documento apresenta informações detalhadas sobre os aglomerados subnormais, mas é atualizado apenas a cada dez anos. Já a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD apresenta informações anuais sobre saneamento básico e adequação de moradias. Conforme o censo realizado em 2015 pela PNAD, 72,5% dos domicílios urbanos não usufruíam de um dos três principais saneamentos básicos: conexão à rede de esgoto, coleta de lixo, e/ou água encanada (IBGE, 2016).

Habitantes de favelas são, tipicamente, tomados como pessoas más, corruptas,

criminosas, sujas, pobres, vagabundas, que são desvalorizados pela sociedade. Tal percepção, carregada de preconceitos e estigmas, nem sempre encontra suporte ao se verificar que, muitas vezes, tais indivíduos são pessoas honestas e trabalhadoras que, porém, apresentam lastro e histórico econômico e social limitado, o que os faz residir em tais regiões de menores custos de aquisição (já que muitas vezes são frutos de invasões e se dão com construções precárias) e manutenção (FERNANDES, 2019; MOTTA, 2019; SANTOS, 2019).

Se no passado, as favelas eram estigmatizadas e tidas como uma ameaça à sociedade por serem consideradas regiões endêmicas, acresce-se hoje, a identidade social deteriorada devido ao alto índice de narcotráfico, utilização de armamentos pesados pelos traficantes, falta de políticas de segurança e/ou políticas públicas de inclusão, e, precariedade de geração de renda. Assim, condições de vulnerabilidade¹ se manifestam em forma de violência progressiva (MOTTA, 2019).

A sociedade é constituída de padrões que moralmente são consideradas comuns e naturais. Os participantes que não se encaixam nos padrões estabelecidos (relacionados às culturas, conhecimentos, valores, estilos e maneiras de agir, fato social intrinsecamente ligado ao indivíduo), não são bem aceitos pelos grupos sociais (LIMA, 2017). Tais, costumeiramente, são convertidos em pessoas más ou perigosas, representantes da violência e tudo que ela retrata. São sujeitos considerados incapazes de estabelecer uma relação saudável com a sociedade. Nessa perspectiva, sua totalidade é deixada de lado, e esses acabam desprovidos de suas potencialidades em função dessa identidade, reconhecida como estigmatizada, que enfraquece atributos e qualidades subjetivas do indivíduo. A sociedade impõe padrões de rejeição a esses cidadãos, o que os torna inseguros, e, potencializa características negativas e/ou de inferioridade atribuídas a eles (FINELLI; SILVA; ALMEIDA, 2016).

Ao se assumir como morador de favela, o indivíduo, automaticamente, acolhe julgamentos hostis do imaginário social. Este reconhece-se como marginal ao padrão social estabelecido e passa a ser confrontado a atender o mesmo. Essa identidade social estigmatizada afeta diretamente as perspectivas do sujeito, o que impacta em sua vida pessoal e profissional (principalmente de jovens). Tais impactos psicossociais, por sua vez, afetam a autoestima desses indivíduos (FINELLI; SILVA; ALMEIDA, 2016; LONGO, 2012).

Quanto às questões de estigmatização e impactos psicossociais, reconhece-se, a partir do Censo 2010, que, dos moradores de favela, apenas 1,6% concluíram o ensino superior, enquanto os habitantes de outras áreas municipais, esse percentual é de 14,7%. De modo similar, na área de emprego, 27,8% dos trabalhadores residentes em favelas exercem sua função de forma irregular, comparados com 20,5% com o mesmo

¹ Vulnerabilidade: refere-se à incapacidade de suportar os efeitos de um ambiente hostil. Uma janela de vulnerabilidade é um período no qual medidas defensivas são diminuídas, comprometidas ou ausentes. O conceito de vulnerabilidade social está relacionado com os lugares e indivíduos que estão expostos à exclusão social, ou seja, que vivem à margem da sociedade (CARMO; GUIZARDI, 2018).

tipo de caracterização laboral de residentes das demais áreas (urbanas e/ou rurais). E ainda, quanto à desproporção de renda, das famílias que recebem até meio salário mínimo *per capita*, nos residentes de aglomerados representa 31,6% das famílias, em relação a 13,8% de famílias que habitam outras regiões (IBGE, 2018).

Todas essas marcas da estigmatização fazem com que as famílias residentes de aglomerados enfrentem grandes tensões. Isso fomenta sua angústia e insegurança, assim como desestabiliza as emoções e corrói a autoestima dessas pessoas. Diante das frustrações de rejeição social, os residentes ficam vulneráveis, suas emoções ficam abaladas, o que afeta seu bem-estar biopsicossocial (FINELLI; SILVA; ALMEIDA, 2016; SANTOS, 2019).

Além disso, a estigmatização influencia na proporção de consumo (e abuso) de álcool e drogas, assim como ao aumento da violência doméstica, da depressão, da baixa autoestima, de dificuldades de aprendizagem na escola para crianças e adolescentes e, posteriormente, o abandono dos estudos. Tais fatores condicionados impactam no processo de capacitação do indivíduo para o mercado de trabalho, o que retroalimenta sua condição de exclusão (FINELLI; SILVA; ALMEIDA, 2016; SANTOS, 2019).

Conviver nesse ambiente de vulnerabilidade também atinge as relações familiares. A falta de atenção e diálogo na família provoca rejeição entre pais e filhos, o que enfraquece os vínculos de pertencimento e comprometem o desenvolvimento psicológico e emocional, por estilhaçar a imagem de referência positiva na construção da identidade (FERNANDES, 2019).

Nessa perspectiva, reconhece-se que o contexto em que o indivíduo está inserido provoca impactos em sua vida. Se o ambiente for estigmatizado, com marcas de valorização repulsiva, pode promover aspectos de impactos psicossociais que estão ligados a fatores sociais como a exclusão social, a falta de oportunidades, a contrariedade de ascensão social, e a ausência de serviços essenciais para sobrevivência. Os fatores de tais impactos também estão relacionados com o estresse, devido às grandes tensões diárias e à baixa autoestima do indivíduo, principalmente de jovens, frente às dificuldades de inserção no mercado de trabalho e as baixas perspectivas diante de um futuro incerto (FINELLI; SILVA; ALMEIDA, 2016; LONGO, 2012).

Baseados nos números de residentes de aglomerados subnormais e os riscos decorrentes das condições insalubres comumente enfrentadas por eles, a presente pesquisa foi proposta com o objetivo de analisar os impactos psicossociais reconhecidos por seus residentes. Este trabalho assumiu uma fração da proposta a partir do recorte de um aglomerado subnormal de Montes Claros-MG, a saber a Conferência Cidade Cristo Rei.

Como objetivo principal, a pesquisa analisou os impactos psicossociais dos residentes ao compreender os motivos mantenedores da estigmatização; identificar os principais impactos dos residentes diante a sociedade; investigar as perspectivas de vida na visão dos moradores e seus perfis socioeconômicos, a fim de compreender as

consequências desses impactos no âmbito social, cognitivo e afetivo de seus moradores.

O trabalho se justificou em função da compreensão da necessidade de conhecer os residentes de aglomerados subnormais, além das classificações já descritas acima, que perpassam o estigma, o preconceito, e, a discriminação. Esses indivíduos acabam por ser tornar invisíveis perante a sociedade, dispondo de vários aspectos problemáticos que causam disfunções em suas vidas (SANTOS, 2019). O presente estudo se fez necessário para proporcionar maior visibilidade aos moradores e desconstruir preconceitos, além de demonstrar que os residentes das favelas são mais do que usuários de drogas; geradores de violência e de desordem social; e/ou; consumidores dos recursos públicos de assistência social.

MÉTODO

O trabalho acolheu o delineamento de pesquisa de campo, de caráter exploratório, com corte transversal e análise quantitativa. A região da investigação foi selecionada, por conveniência, o bairro Conferência Cidade Cristo Rei localizada na cidade de Montes Claros-MG. O recrutamento se deu por meio de convites de forma aleatória simples, por amostra residencial, a partir da apresentação dos pesquisadores e esclarecimentos dos objetivos da pesquisa a uma amostra proposta de 360 participantes. Como critério de inclusão, consideraram-se participantes maiores de 18 anos de idade, residentes do aglomerado há pelo menos 2 anos.

O questionário utilizado foi o “Questionário Impacto Social em Residentes de Aglomerados Subnormais – QISRAS” (FINELLI; SANTOS; PEREIRA, 2016) para a coleta de dados. Esse instrumento contemplou 34 questões organizadas com 47 itens para análise, divididos em três componentes: perfil socioeconômico, local de moradia e análise do impacto em residir em aglomerados. O questionário em questão é autoaplicável com tempo médio de 20 minutos. Sujeitos com baixa escolaridade, analfabetos e/ou deficientes visuais que participaram da pesquisa receberam auxílio dos pesquisadores com a leitura dos itens e anotação das respostas.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa maior e já utiliza a referida metodologia para o levantamento de todos os 21 aglomerados subnormais de Montes Claros-MG. A pesquisa já possui aprovação por parte do Comitê de Ética em Pesquisa da Associação Educativa do Brasil (SOEBRAS) sob o parecer de número 1.442.235/2016. Apresenta-se aqui o recorte dos dados do bairro Conferência Cidade Cristo Rei.

Após concluir a coleta de dados, foi realizada a análise com o objetivo de verificar quais dos aspectos já selecionados anteriormente nos objetivos da pesquisa acometem os moradores do aglomerado subnormal. Os dados foram analisados de forma quantitativa paramétrica e apresentados através de descrições de mínimos, máximos, médias e desvio padrão, assim como, comparados a dados de outras fontes sob análise mais robusta. Os

dados também receberam tratamento de análise inferencial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação das favelas em cidades médias segue a mesma dialética das grandes metrópoles, considerada a proporcionalidade de seu tamanho. A cidade de Montes Claros-MG possui atualmente uma população de, aproximadamente, 413 mil habitantes (IBGE, 2020) e seu processo histórico de urbanização foi marcado pela industrialização (tardia, se comparada a outros centros urbanos nacionais), subsidiada pelo Estado em meados da década de 1970 (LEITE; BRITO; LEITE, 2009). Isso provocou intensa migração para a cidade, assim como grandes mudanças nesse cenário urbano. A partir desse período histórico houve o crescimento de moradias nos moldes de aglomerados subnormais (favelas) e, em consequência, houve a formação do bairro Conferência Cidade Cristo Rei que começa a ser estruturado na cidade desde 1983 (ALENCAR, 2017; MARTINS; LEITE, 2015).

O bairro Conferência Cidade Cristo Rei, popularmente chamado de “Feijão Semeado”, está localizado na região centro oeste da cidade de Montes Claros-MG (FONSECA; MONTE-MÓR, 2019). Previamente, o mesmo configurava-se como parte do bairro Alto São João, contudo, com a expansão urbana, novos bairros entornaram a região, centralizando-o. O mesmo é circundado pelos bairros Alto São João, São José e o Vera Cruz, e é considerado aglomerado subnormal segundo a nomenclatura do IBGE (2018) que, anteriormente, era nomeada como favela (RODRIGUES, 2014). Apesar da modificação titular, o bairro Conferência Cidade Cristo Rei continua caracterizado como área de favelização devido à precariedade das condições sociais, de organização do espaço urbano e o histórico estigmatizado da localidade, que associa sua massa populacional com o rótulo de criminalidade e violência (RODRIGUES, 2018).

Apesar de a proposta amostral estimar 360 respondentes, devido a resistência apresentada por parte dos moradores em participarem, obteve-se efetivamente um total de 200 respondentes na investigação. A pesquisa contou com 101 (50,5%) respondentes do sexo feminino e 99 (49,5%) do sexo masculino, com idades entre 18 e 78 anos ($M=31,7$ anos; $DP=13,5$ anos). Desses, 109 (54,5%) declararam-se como solteiros(as), 76 (38,0%) estão casados ou vivendo com o companheiro(a), 9 (4,5%) viúvos(as) e 6 (3,0%) separados. Além disso, 117 (58,5%) são católicos, 58 (29,0%) evangélicos, e os 25 (12,5%) restantes responderam que não possuem religião. Ainda sobre as características do perfil dos respondentes, no que tange à etnia, 93 (40,5%) se consideram pardos, 93 (40,5%) pretos, 13 (6,5%) brancos, e 1 (0,5%) respondente considerou-se amarelo.

Tais dados são similares aos de respondentes de outro aglomerado subnormal da mesma cidade, que contou com a amostra de 103 respondentes, com idade média de 39,64 anos, sendo 51,4% do sexo masculino, 48,5% casados e 38,8 solteiros, de maioria

evangélica (38,8%), mas com 35,9% de católicos, e quanto a etnia predominante de pardos (71,8%) e pretos (18,4%) (FINELLI; SANTOS; PEREIRA, 2016)

A maioria dos respondentes (112 ou 56,0%) tem um ou mais filhos, enquanto 88 (44,0%) não os tem. Identificou-se que destes, 79 (70,5%) possuem de 1 a 3 filhos, e 33 (29,5%) alegam ter de 4 a 9 filhos. É digno de nota que, dentre os mais jovens, com idades entre 18 a 24 anos, que são 83 (41,5%) do grupo amostral, 34 (17,0% do total, ou 41,0% desse grupo), alegaram ter um ou mais filho(s). Quando indagados, muitos dos respondentes disseram ter o seu primogênito antes mesmo de completar 18 anos de idade.

Tais dados corroboram pesquisa sobre distribuição desigual de fecundidade. Esse indica que apesar da redução geral da taxa de fecundidade, no país, ao longo dos anos, tais percentuais ainda permanecem altos em grupos específicos. Por exemplo, a taxa de fecundidade das mulheres mais jovens (15 a 19 anos) passou de 17% da taxa total, em 1996, para 23% em 2006. O estudo reconhece ainda maiores taxas de fecundidade em mulheres com menor rendimento médio mensal domiciliar *per capita*, assim como menor número de anos completos de estudo (FRANÇA, 2019). Acresce-se que essas (baixa renda e poucos anos de escolaridade) são características típicas de residentes de aglomerados subnormais.

Nesse aspecto, reconhece-se que, mesmo com facilidade de acesso a Unidade Básica de Saúde – UBS e/ou Estratégia de Saúde da Família – ESF e/ou assistência dos agentes de saúde, regularmente, há escassez do uso de métodos contraceptivos e/ou prevenção da gravidez. Os próprios respondentes reconheceram que tais informações e métodos estão à disposição na comunidade. Tal dado leva a refletir também sobre a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST, não obstante, essas não foram investigadas na presente pesquisa.

Ao analisar os dados relacionados ao perfil socioeconômico dos participantes, verificou-se que, dentre os moradores, 148 (74,0%) responderam que não possuem profissão, e apenas 52 (26,0%) possui profissão. As mais comuns elencadas são: pedreiro, cabeleireiro(a), babá e vendedor(a). É relevante ressaltar que, apesar de exercerem as profissões supracitadas, nem todos possuem certificado que comprove a profissionalização. Além disso, 17 (32,7% desses 52 respondentes) não estão em exercício da mesma ou em qualquer atividade laboral formal em outras áreas, isto é, encontram-se disponíveis para o mercado.

Essas informações indicam aspectos da autoexclusão caracterizada pelo afastamento do indivíduo das instâncias sociais, pelo distanciamento do mercado laboral formal e/ou informal. Tal pode ter sido ocasionado pelo constrangimento causado ao respondente em reconhecer sua atividade laboral, de modo que a mesma não seja consentida socialmente (PERO; CARDOSO; ELIAS, 2005).

Dos 200 inquiridos, apenas 48 (24,0%, sendo 41 que responderam ter profissão e 7 outros que alegaram ter trabalhos informais) estão trabalhando pra obtenção de

renda e os demais disseram não estar exercendo atividades laborais formais. Tal dado é indicativo da exclusão, diante do estigma presente em residir em aglomerado (como apresentado pelos participantes na dificuldade de conseguir trabalho), que se relacionam com à desigualdade de informação e possibilidade, em decorrência do menor acesso aos sistemas de ensino, desprovendo-os de boas colocações no mercado de trabalho. Reconhece-se, assim, elevado grau de carência socioeconômica e precariedade no serviço de renda pessoal. Faz-se relevante considerar que 128 (64,0%) respondentes alegam não possuir nenhuma renda, eventualmente, esses realizam atividades de maneira informal, e não as reconhecem como trabalho, o que acarreta no descontrole de suas finanças e os levam a alegar não possuir renda. Dos 48 respondentes empregados, 37 (77,1%) recebem menos de um salário mínimo, os 11 (22,9%) recebem entre 1 a 3 salários mínimos. Além dos empregados, há ainda 24 (12,0%) dos respondentes que usufruem de algum tipo de benefício do governo (aposentadoria e/ou pensão), que variam de menos de um a três salários mínimos.

Os residentes reconhecem que existem postos de trabalho nas proximidades; dentre eles, os mais comuns são: padarias, comércios e bares. Porém, 95 (47,5%) ainda relatam sobre a dificuldade de conseguir trabalho diante de todas as perspectivas supracitadas.

Dos moradores, 174 (87,0%) responderam serem donos do próprio imóvel. Apesar dos números, apenas 36 (18,0%) disseram possuir documentos que comprovem a legitimidade do imóvel². Ainda, 18 (9,0%) indivíduos moram de aluguel e 8 (4,0%) responderam morar em imóvel cedido ou doado. Quando questionados sobre tempo de moradia no local, 85 (42,5%) disseram residir a mais de 20 anos na região. Esses, em alguns casos, foram os primeiros moradores do bairro desde que começou a estruturar-se. Já 64 (32,0%) residem na localidade de 10 à 20 anos, e os demais há pelo menos 2 anos. Reconhece-se com tais informações a caracterização do bairro como o aglomerado mais antigo em relação aos mais periféricos na cidade de Montes Claros-MG.

Mesmo se tratando de um aglomerado subnormal, e como tal, uma área de risco, avaliada como um todo (saúde mental, física, psicológica, social, fatores que comprometem o bem-estar do indivíduo), apenas 8 (4,0%) pessoas reconhecem essa característica da região. Já os outros 192 (96,0%) disseram que a região não lhes propicia riscos. Poucos manifestaram algum temor diante toda vulnerabilidade que vivenciam, e, expressaram desejo de migrar para outra região, na tentativa de amenizar as situações problemáticas que os deixam em condições de carências. Não obstante, devido às limitações financeiras, não conseguem se mudar. Tal percepção também é reconhecida por moradores de outros aglomerados, como se verifica na literatura (ABRAMOVAY *et al.*, 2002).

Contudo, apesar de toda vulnerabilidade presente na área, 168 (84,0%) revelaram gostar do local onde moram. Os demais 32 (16,0%) evidenciaram desagrado e falta de

2 É digno de nota que tais documentos não foram solicitados para conferência, o que pode levar a considerações sobre sua existência, legalidade e regularidade, que são aspectos que extrapolam o escopo da pesquisa.

interação com seus vizinhos, o que demonstra precariedade dos vínculos de pertencimento. Isso promove ao indivíduo o sentimento de não pertencer a algo, fragilizando-o, o que modifica seu comportamento devido ao sentimento de deslocamento que possuem, o que acomete prejuízos ao seu bem-estar biopsicossocial.

Consideradas as proporções, o estudo realizado com 19 participantes da favela do Jacarezinho-RJ evidenciou que 100,0% dos respondentes desejam se mudar e deixar a comunidade (PAULINO, 2017). Já outra pesquisa (SILVA, 2018) apresenta que muitos moradores (dos 500 contemplados com novas moradias) não desejavam deixar a Favela da Linha (Campos dos Goytacazes-RJ) através do Programa Municipal de Habitação “Morar Feliz” que relocou em conjuntos habitacionais famílias que viviam em “situação de risco”. A alegação desses considerou a facilidade de acesso a seus trabalhos e aos serviços urbanos, assim como a proximidade com seus familiares e amigos que residiam na favela, frente a nova moradia em região periférica da cidade.

Similar a Favela da Linha, a comunidade Conferência Cidade Cristo Rei, também é aglomerado subnormal de construção antiga e localização central na cidade de sua localização, o que promove elementos atípicos, como facilidade de locomoção urbana, assim como acesso a produtos e serviços da cidade. Reconhece-se que ambos aglomerados vivenciam processo de gentrificação³, que propõe que a população segregada, estigmatizada, e discriminada de aglomerados subnormais que se formaram em regiões geográficas englobadas pelo crescimento urbanístico seja deslocada para locais mais afastados e sem condições básicas de sobrevivência. Tal processo, além de “gentrificar” o espaço urbano também promove a segregação urbana (MENDES *et al.*, 2018).

Ao serem questionados quanto a marginalização sofrida por residirem no aglomerado Conferência Cidade Cristo Rei, 66 (33,0%) dos participantes revelaram sentir-se prejudicados no âmbito social, com maior evidência na área de trabalho. Além disso, denotaram sentimentos de angústia quanto ao preconceito e discriminação pelo simples fato de residir no bairro. Ainda assim, mesmo com essa proporção, apenas 26 (13,0%) respondentes expressaram sentimento de inferioridade, principalmente com relação aos julgamentos hostis (assertivas como de que no bairro “só possui ladrões e marginais”). Dos 134 (67,0%) que responderam não se sentirem marginalizados, uma pequena parte revelou que preferem ficar quietos no seu lugar, não socializando com os demais. Tal comportamento reafirma a marginalização e segregação urbana, pois os mesmos podem não se sentir inseridos na sociedade, por estarem saturados de estereótipos e

3 Gentrificação é um processo de transformação urbana. Nesse regiões urbanas consideradas menos nobres, como os aglomerados subnormais são transformados em áreas nobres, por meio da especulação imobiliária que “expulsa” seus habitantes para localidades mais periféricas. Amíude, tal processo impacta negativamente a população de baixa renda que passa a morar cada vez mais longe do centro e, conseqüentemente, de seus empregos, assim como do acesso aos serviços urbanos (saneamento, educação, saúde, serviços, etc.) levando a uma piora na sua qualidade devida, e, eventualmente, ao desemprego, devido à dificuldade de encontrar oportunidades de trabalho na nova localidade, o que aumenta os problemas sociais da cidade. Esse processo difere-se da revitalização pois essa é focada na melhoria da qualidade de vida da população que mora no local, por meio do desenvolvimento urbano (MENDES *et al.*, 2018; NOVAES, 2018).

interpretações preconcebidas (MENDES *et al.*, 2018).

Todavia, mesmo se tratando de uma área invadida, todos os respondentes admitiram facilidade de acesso nos serviços que suprem suas necessidades básicas (transporte público, saúde/ESF, farmácia, escola, padaria, mercado). Apenas 5 (2,5%) pessoas relataram não receber entregas (correios, gás, mercado, lanche) na residência. Acredita-se que esses, que não recebem entregas, possam ter tal situação em função de estarem localizados mais no centro do aglomerado. Tais facilidades devem-se, como exposto, a localização central no aglomerado no município, assim como seu tempo de existência. Ao ter sido circundado por outros bairros, o aglomerado acabou sendo acolhido quanto as políticas públicas de desenvolvimento social.

Segundo 196 (98,0%) dos residentes, as ruas são pavimentadas, no entanto, uma pequena parcela dos respondentes não usufruem desse benefício, residindo em endereços que apresentam pavimentação irregular (ruas de terra, estreita, esburacada). Novamente, reconhece-se que tais investimentos do poder público se deram em função dos bairros circunvizinhos do aglomerado que demandaram também o desenvolvimento desse modo a possibilitar os deslocamentos e crescimento urbano.

Quando questionado aos respondentes sobre locomoção e tempo estimado para chegar ao trabalho, foi possível compreender uma característica em particular desse aglomerado, por ser localizado em região central. Os indivíduos moram próximo ao local de trabalho, gastando em média 24,2 minutos para chegarem aos seus postos, além disso, citam facilidade de locomoção, com a disponibilidade de ônibus e mototáxi. Ademais, alguns se deslocam em veículos próprios e/ou a pé.

CONCLUSÕES

Os aglomerados, mesmo com todo o progresso, ainda apresentam precariedade nos serviços básicos e essenciais para a sobrevivência do indivíduo. Tais se revelam, justamente, na precariedade da infraestrutura que proporciona às pessoas bem-estar biopsicossocial. Direitos básicos, como saneamento básico, iluminação pública, pavimentação, e demais “regalias” que são demandas fundamentais a todos os indivíduos, mostram-se escassos.

Diante dos resultados apresentados, nota-se a precariedade no aglomerado Conferência Cidade Cristo Rei. Percebeu-se o quão vulneráveis e marginalizados encontram-se seus residentes, apesar de apenas uma parcela dos participantes da pesquisa assumir tal preceito. A desigualdade social é tamanha, o que enjeita os direitos dos residentes, deixando-os à mercê dos caprichos do poder público para promover a revitalização urbana da região.

A violação de seus direitos como cidadãos podem comprometer os vínculos de pertencimentos na comunidade e no município. Seus habitantes anseiam pela inserção na sociedade, para que possam ser reconhecidos além dos estigmas supracitados.

Após análise dos dados não se pode afirmar com convicção que os moradores do aglomerado Conferência Cidade Cristo Rei se sentem estigmatizados pela sociedade. Contudo, é relevante que as bases acima reconhecem os efeitos que podem causar ao indivíduo, principalmente na escassez de serviços básicos, que são fatores de extrema importância para o desenvolvimento humano. Os participantes da pesquisa não manifestaram conscientemente sua percepção de sofrimento frente a segregação urbana e estigma social, não obstante, foi possível reconhecer impactos psicossociais (como o estigma social, dificuldades de inserção no mercado de trabalho, residir em habitações precárias) nas declarações apresentadas.

Este estudo analisou e reconheceu parte dos principais aspectos que impactam no comportamento dos indivíduos pelo simples fato de residir em favela. Através dos resultados da pesquisa espera-se conscientizar o cidadão da sua relevância na sociedade, incentivando-o a ter autonomia diante de suas perspectivas, desmistificando, pelo menos em parte, o estigma de incapacidade dos moradores na busca de sua realização pessoal.

Os dados auferidos também constituem elementos para futuras intervenções nas políticas públicas, e, nas ciências sociais e da saúde, já que as dificuldades sociais se refletem em sofrimento psíquico. Nesse sentido, apresentam-se também como ferramenta de estudo que poderá ser utilizado para auxiliar profissionais da saúde na compreensão e cuidados aos indivíduos atingidos. Portanto, fica aqui a crítica dos pesquisadores que presenciaram a insuficiência vivenciada pelos residentes, o que leva à hesitação do papel da sociedade ao consentir a esses indivíduos a marginalização.

Por fim, mas não menos importante, reconhece-se as limitações do estudo, tanto em relação ao tamanho amostral, quanto da abrangência de apenas um aglomerado subnormal (que apresenta características peculiares de maturidade histórica e centralização geográfica). Tal deve ser mitigada com a continuidade da pesquisa que complementar a coleta com novos aglomerados do mesmo município e, quiçá, de outras cidades/estados. Reconhece-se ainda a limitação quanto as análises qualitativas que, por perpassam o escopo da presente pesquisa, foram apresentados de modo modesto.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. PINHEIRO, L. C. LIMA, F. S. MARTINELLI, C.C. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na américa latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ALENCAR, G. Moc quita dívida de precatório do “Feijão semeado”. **Gazeta Norte Mineira**. 31 mar., 2017.

BRULON, V.; PECL, A. Quando processos de organizar se chocam: Hibridismo no espaço social de favelas. **Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 25, n. 84, p. 68-86, jan./mar., 2018.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Caderno de saúde pública**, v. 34, n. 3, p. 2-14, 2018.

DAVIS, M. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FERNANDES, K. "Favelados, não. Cidadãos da favela": o discurso audiovisual dos media alternativos sobre as favelas. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 28, jan./jun. 2019.

FINELLI, L. A. C.; SANTOS, J. M. P.; PEREIRA, I. H. S. Impacto social em residentes de aglomerados subnormais. **Revista Humanidades**, Montes Claros, v. 5, n. 2, p. 74-86, jul. 2016.

FINELLI, L. A. C.; SILVA, D. F.; ALMEIDA, T. L. O estigma social entre jovens moradores da Vila Castelo Branco. V Congresso em Desenvolvimento Social: Estado, Meio Ambiente e Desenvolvimento, Montes Claros, 29-30 de jun. a 1 de jul., **Anais...** 2016.

FONSECA, G. H. O.; MONTE-MÔR, R. L. M. Planejamento em área de vulnerabilidade social: um estudo sobre o bairro Cidade Cristo Rei (Montes Claros-MG, Brasil). **Revista Brasileira Multidisciplinar – ReBraM**, v. 22, n. 1, p. 76-95, 2019.

FRANÇA, M. T. R. A Desigual Distribuição da Fecundidade. **Boletim Informações Fipe**, n. 462, mar. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Aglomerados Subnormais Informações Territoriais**. Apresentação dos resultados do Censo 2010: Aglomerados Subnormais – Informações Territoriais, *online*, 2018. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidenciais/noticias/imprensa/ppts/00000015164811_202013480105748802.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **População estimada**: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/montes-claros/panorama>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LEITE, M. E.; BRITO, J. L. S.; LEITE, M. R. SIG aplicado ao Estudo Comparativo de Favelas: o caso de uma Cidade Média. **Revista Eletrônica de Geografia**, v. 1, n. 2, p. 20-34, jul. 2009.

LIMA, A. B. O indivíduo sociedade na análise de Durkheim. **Just.com.br**. Online 2017. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/54883/o-individuo-em-sociedade-na-analise-de-durkheim>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

LONGO, I. S. O estigma dos três ps: pobre, preto, da periferia. A visão de adolescentes da Comunidade Heliópolis. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros. São Paulo, 10 a 13 de abr. **Anais...** 2012.

MARTINS, A. S.; LEITE, E. M. Análise do crescimento das favelas da cidade de Montes Claros-MG por imagens de alta resolução espacial. Anais XVII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, João Pessoa, 25 a 29 de abr. **Anais...** 2015.

MENDES, L.; SALINAS, L.; VALENCA, M. M.; MARTINEZ-RIGOL, S. Apresentação do Dossiê: As novas fronteiras da gentrificação no mundo ibero-americano. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v. 2, n. 6, p. 15-29, nov. 2018.

MOTTA, E. Resistência aos números: a favela como realidade (in)quantificável. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 72-94, abr. 2019.

NOVAES, P. R. Favelas e gentrificação: possibilidades analíticas para explicar as transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v. 2, n. 6, p. 49-65, nov. 2018.

PAULINO, L. N. **O processo de urbanização do Jacarezinho, cidade do Rio de Janeiro: Periferia, Verticalização e Território de risco**. 2017. 104 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2017.

PEREIRA, V. T.; GUARESCHI, P. A. A psicologia no CRAS: um estudo de representações sociais. **Psicologia e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 29, p. 1-11, mar., 2017.

PERO, V., CARDOSO, A., ELIAS, P. **Discriminação no mercado de trabalho: o caso dos moradores de favelas cariocas**. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2005. Coleção Estudos Cariocas.

RODRIGUES, A. O. **Relações sociais de espaço e suas facetas de desigualdade e estigmatização: um estudo das representações sociais de moradores do “Feijão Semeado”**. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros, 2014.

RODRIGUES, A. O. Estigma territorial em foco-cidade simbolicamente dívida e atraso no desenvolvimento social. VI Congresso em Desenvolvimento Social, Montes Claros, p.1934-1946, 14 a 16 ago. **Anais...** 2018.

SANTOS, S. B. O surgimento da favela: segregação espacial e estigma moral. **Revista Khora**, v. 6, n. 7, 2019.

SILVA, I. C. F. M. Na margem da linha: conflitos urbanos em uma favela de Campos dos Goytacazes, **Ponto Urbe** [Online], n. 23, dez. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abandono 81, 137, 138, 141, 144, 147, 153, 185

Acompanhamento terapêutico escolar 100, 101, 108, 110

Adolescência 81, 113, 128, 129, 131, 135, 137, 140, 141, 143, 147, 175

Aglomerados subnormais 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 158, 161

Alimentação 112, 113, 114, 115, 116, 124, 143, 146, 189, 190, 191, 192, 194

Assédio moral 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Atenção plena 189, 190, 191, 192, 194

Autoestima 42, 57, 68, 71, 72, 74, 75, 86, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 142, 146, 152, 153, 183, 184, 185, 187

Autoimagem 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 116, 183, 184

Autorregulação da aprendizagem 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 45

Avaliação escolar 91, 92, 93, 95, 96, 99

B

Bullying 2, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 104

C

Comportamento alimentar 112, 113, 115, 190, 191, 193

Comportamentos de cidadania organizacional 46, 47

Comportamentos de risco 46, 47, 48

Compromisso social 177, 186

Compulsão alimentar 112, 114, 116, 117, 191

Covid-19 1, 2, 3, 7, 9

Crenças infantis 50

D

Desenvolvimento 3, 11, 12, 18, 43, 46, 47, 50, 52, 65, 80, 82, 83, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 113, 122, 125, 131, 133, 134, 137, 140, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 179, 191, 202, 205, 206, 208, 210

E

Educação alimentar e nutricional 190, 191, 193

Educação pré-escolar 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 63, 65, 66, 67

Educação sexual escolas 46

Ensino superior 5, 10, 35, 36, 37, 40, 43, 44, 45, 91, 152, 210
Escola 33, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 137, 140, 145, 153, 159, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202
Estigma social 150, 160, 161
Estilo de liderança 10, 11, 12, 13, 15, 18
Estilos de crianza 68, 71, 73, 74, 76, 78
Estratégias autoprejudiciais 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44
Estratégias de mediação 21, 23, 24, 26, 29, 32
Exclusão social 137, 152, 153
Experiência traumática 137

F

Família 21, 22, 57, 66, 87, 88, 105, 113, 122, 123, 140, 143, 145, 146, 147, 153, 156, 166, 171, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203
Funções sensoriais 190

H

Habilidades diferentes 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79
Hábitos alimentares 111, 112

I

Impactos psicossociais 149, 150, 152, 153, 160
Inclusão 14, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 152, 154, 180, 181, 200, 204
Infância 44
Infração 127, 128, 133, 135

N

Nutrição 37, 112, 113, 114, 116, 117, 189, 190, 191, 193, 194

P

Pesquisa qualitativa 163, 167
População ribeirinha 177, 178
Prazer e sofrimento 21, 27
Preconceito 102, 150, 154, 158, 185, 197
Psicologia comunitária 118, 119, 124, 125, 126
Psicologia organizacional 10, 12

Q

Qualidade de vida 32, 80, 81, 82, 88, 89, 106, 119, 123, 158, 186, 195, 196, 202

R

Relações de grupo 81

S

Saúde mental infanto-juvenil 195, 196, 197, 202

Subjetividades 21, 23, 127, 128, 129, 130, 131, 146

Suicídio em redes sociais 163

T

Trabalhador 1, 3, 7, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 126

Tráfico de drogas 127, 128, 130, 131, 133

Transição escolar 50

Transtornos da alimentação 112

Transtornos de ansiedade 91, 96, 98

V

Violência 3, 6, 7, 8, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 160, 187, 188

Vitimização 80, 81, 84, 85, 86, 88

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 